Desafios ao paradigma do androcentrismo: Mulheres Artistas e o Ensino/ Aprendizagem Em Arte

Challenges to the androcentric paradigm: Women Artists and Teaching/Learning in Art

DOI: 10.5965/235809253012026e0012

Andry Marcia Lopes[1]

Orcid: 0009-0006-6844-0880

Geraldo Freire Loyola[2]

Orcid: 0000-0001-7881-0562

Recebido: 04/04/2024

Aprovado: 07/10/2025

Publicado: 23/11/2026

[1] Professora de Artes Plásticas no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez (CELF), Montes Claros, MG. Mestra em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Email: andryllopes@gmail.com

[2]Professor Adjunto na Escola de Belas Artes da UFMG; Coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Artes da UFMG. Mestre e Doutor em Artes pela UFMG; Especialista em Pesquisa e Ensino em Artes Plásticas, Bacharel em Artes Plásticas e Licenciado em Educação Artística pela UEMG. Email: geraldoloyola@gmail.com

Resumo

Este estudo é um recorte da pesquisa intitulada "MULHERES ARTISTAS BRASILEIRAS: Poéticas artísticas e Ensino/Aprendizagem em Arte", desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Artes da UFMG e defendida em maio de 2023. A pesquisa foi conduzida com alunos/as do 4º ano do ensino fundamental no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, em Montes Claros, Minas Gerais. O objetivo deste artigo foi investigar as percepções de alunos e alunas sobre as relações de gênero na arte e na sociedade, buscando relacionar o conhecimento em arte com vivências e discussões sobre gênero e diversidade. Durante a pesquisa, verificou-se haver uma reprodução de visão androcêntrica e eurocêntrica de arte. Sendo assim, as experiências artísticas relacionaram-se a poéticas de mulheres artistas brasileiras, abordando questões artísticas/poéticas/críticas sobre arte, gênero e diversidade. Com intuito de difundir as produções artísticas de mulheres brasileiras também produzimos um "Pequeno Inventário de Artistas Mulheres Brasileiras". Como referências, utilizamos Dias e Loponte (2016 e 2019), Barbosa (2019) e Louro (2003).

Palavras-chave: arte; mulheres artistas; ensino/aprendizagem.

Abstract

This study is a segment of the research titled "BRAZILIAN WOMEN ARTISTS: Artistic Poetics and Teaching/Learning in Art," conducted within the Professional Master's Program in Arts at UFMG and defended in May 2023. The research involved 4th-grade students at the Lorenzo Fernândez State Conservatory of Music in Montes Claros, Minas Gerais. The article aimed to investigate students' perceptions regarding gender relations in art and society, aiming to connect art knowledge with experiences and discussions on gender and diversity. The research identified a reproduction of an androcentric and Eurocentric view of art. Consequently, artistic experiences focused on the poetics of Brazilian women artists, addressing artistic/poetic/critical issues related to art, gender, and diversity. As part of our efforts to promote the artistic productions of Brazilian women, we also created a "Small Inventory of Brazilian Women Artists." References for the study included Dias and Loponte (2016 and 2019), Barbosa (2019), and Louro (2003).

***Keywords**: art; women artists, teaching/learning.*

Introdução

A escassez de informações sobre artistas mulheres ao longo da história da arte é uma inquietação que tem incomodado pesquisadores contemporâneos, surgindo discussões de grande relevância, convidando-nos a repensar as práticas de sala de aula, que ainda reproduzem o ideal androcêntrico que perpassa as relações sociais.

Refletir sobre a desigualdade de gênero nas artes visuais nos traz algumas reflexões como: por que, ainda hoje, mulheres artistas não são tão divulgadas quanto os artistas homens? O que contribuiu para que os homens se destacassem mais que as mulheres nas artes visuais? Quais os caminhos possíveis para a mudança desse paradigma? No meu percurso acadêmico e profissional, à medida que buscava as respostas, conhecia sobre artistas mulheres, suas poéticas e histórias de vida e sentia-me inspirada a trazê-las para o contexto da sala de aula, já que era perceptível a significância de suas obras para uma compreensão mais abrangente da história da arte.

No decorrer das investigações conectei-me com esse campo de estudos, o que culminou na dissertação de mestrado "Mulheres Artistas Brasileiras: Poéticas artísticas e Ensino/Aprendizagem em Arte". Neste artigo, que é um recorte da pesquisa, discutiremos sobre os ideais androcêntricos e eurocêntricos que permeiam o ensino/aprendizagem em Arte[3], como também sobre a viabilização de propostas de ensino/aprendizagem possíveis para vencer esse paradigma, dando foco a poéticas de artistas brasileiras. A Pesquisa ocorreu com 40 alunos/as do 4º ano do ensino fundamental do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, localizado em Montes Claros – MG, e aconteceu entre os anos de 2022 e 2023.

Nosso objetivo foi investigar, a partir de rodas de conversas, como meninos e meninas concebem as relações de gênero na arte e na sociedade. Depois observamos os desdobramentos provocados a partir de um maior contato com as poéticas artísticas de mulheres brasileiras em processo que envolveu questões relacionadas à arte, ao gênero e à diversidade. Durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, produzimos um "Pequeno Inventário de Artistas Mulheres Brasileiras: Artistas Visuais do Brasil de A a Z", com objetivo de contribuir com a propagação de nomes de artistas do Brasil que merecem destaque na construção da nossa história.

Abordaremos reflexões sobre as discrepâncias nas relações de gênero na sociedade, na história da arte e no ensino/aprendizagem em Arte, bem como a relevância de ações, isoladas ou coletivas, importantes para minimizar as desigualdades entre gêneros, tornando mais visíveis as contribuições de artistas mulheres ainda ocultadas na maioria das referências sobre arte e artistas. Questões de gênero, feminismo e inclusão defendidas por Louro (2003) serão abordadas com o objetivo de trazer o debate para o "campo social, onde se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos" (Louro, 2003, p.22).

[3] Arte, grafada com inicial maiúscula se refere ao componente curricular no ensino/aprendizagem.

Também recorremos a Akotirene (2019) na discussão sobre interseccionalidade[4] nas relações entre as identidades sociais que sofrem opressão, já que a compreensão sobre "a interseccionalidade instrumentaliza a enxergar a matriz colonial moderna contra os grupos tratados como oprimidos" (Akotirene, 2019, p.27).

Foram estabelecidos diálogos com referências teóricas de Barbosa (2019), Coutinho (2009), Loponte e Dias (2016 e 2019), autoras que discutem as relações de gênero, feminismo e diversidade nas artes. Foram utilizadas também as teorias de Pimentel (2013) e Arthur Efland (2005) sobre cognição e imaginação.

Mulheres artistas: desigualdades nas relações de gênero

Compreendendo as disparidades que permeiam o ensino/aprendizagem em Arte, o contato com poéticas artísticas de mulheres brasileiras pode contribuir com o compromisso de respeito ao diverso, não reproduzindo paradigmas do artista homem como gênio universal, podendo, inclusive, suscitar reflexões sobre gênero e diversidade na escola e na sociedade, por meio do ensino/aprendizagem em Arte.

O conceito de androcentrismo refere-se à mentalidade patriarcal na qual há, de forma consciente ou inconsciente, uma tendência em colocar o sexo masculino como único paradigma de representação coletiva. Já o eurocentrismo é o termo utilizado para designar a visão europeia como referência superior a outras visões de mundo. Uma maneira de ir contra a replicação desses discursos oficializados e excludentes que permeiam a narrativa oficial da arte é, portanto, trazer à tona publicações que evidenciem as produções artísticas de mulheres diversas, como também de artistas que vivem em lugares diferentes da Europa Ocidental e dos Estados Unidos.

Diante da existência de ações que buscam afirmar a importância e contribuição das mulheres artistas na história, como a exposição Mulheres Radicais[5], a hegemonia masculina na arte ainda permanece

[4] Interseccionalidade: conceito utilizado nas ciências sociais e humanas para descrever como diferentes formas de discriminação e opressão, como racismo, sexismo, homofobia, classismo, entre outras, se interconectam e se sobrepõem. O termo foi popularizado pela acadêmica Kimberlé Crenshaw em 1989. Nessa abordagem há um reconhecimento de que as opressões não atuam isoladamente, mas se inter-relacionam, criando um sistema complexo de discriminação que reflete o "cruzamento" de múltiplas formas de desigualdade.

[5] A exposição "Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985" foi uma mostra de arte itinerante que apresentou o trabalho de artistas mulheres latino-americanas das décadas de 1960 a 1985. A exposição buscou evidenciar as práticas artísticas experimentais e inovadoras de mulheres, que muitas vezes foram marginalizadas e subestimadas no mundo da arte. A exposição foi apresentada em vários museus e galerias ao redor do mundo, tendo

atualmente. Coutinho (2009), ao analisar os livros didáticos e pranchas educativas, afirma que "as imagens de obras de arte das artistas não chegam a 10% nos livros didáticos e pranchas educativas utilizadas em sala de aula" (Coutinho, 2009, p.121-122). Essa discrepância permanece nos livros de Arte adotados pelo Ministério da Educação, como constatado nos estudos de Silva (2019) que, ao analisar um livro didático do ensino médio "Arte Por Toda Parte" edição 2016, concluiu que "aproximadamente 145 homens artistas foram apresentados e uma média de 26 mulheres artistas aparecem neste livro didático, considerando todas as linguagens artísticas" (Silva, 2019, p. 31).

Também sob essa análise, Carvalho, Moreschi e Pereira (2019) realizaram uma pesquisa cuja intenção foi mensurar o cenário excludente da história da arte e, ao selecionarem os 11 livros que consideraram como os mais utilizados em cursos de graduação de Artes Visuais no Brasil, concluíram: "o eurocentrismo é evidente quando analisamos que, de um total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são negras/negros e 645 (26,3%) não são europeus. Dos 645 não europeus, apenas 246 são não estadunidenses" (Carvalho, Moreschi e Pereira, 2019, p.30).

Sobre esses silenciamentos, atentar-nos-emos ao trabalho de Linda Nochlin, historiadora feminista dos Estados Unidos, que realizou em 1971 um ensaio com o irônico título, "*Por que não houve grandes artistas mulheres?*" No texto, Nochlin apontou questões estruturais que dificultaram a efetiva presença das mulheres na arte no decorrer dos tempos. Devido ao seu apoio à arte feminista, Linda Nochlin é lembrada pelo seu trabalho até os dias atuais, tendo a 2ª edição do seu ensaio publicada no Brasil em 2016, contribuindo de forma significativa para a compreensão de como as estruturas sociais repercutiram na produção artística de mulheres ao longo da história, como explicou a autora:

> A questão da igualdade das mulheres, na arte ou em qualquer outro campo, não recai sobre a relativa benevolência ou a má intenção de certos homens, ou sobre a autoconfiança ou "natureza desprezível" de certas mulheres, mas sim na natureza de nossas estruturas institucionais e na visão de realidade que estas impõem sobre os seres humanos que as integram. Como apontou John Stuart Mill há mais de um século: "[...] tudo que é costumeiro parece natural. Sendo a sujeição das mulheres aos homens um costume universal, qualquer desvio desta norma naturalmente parece antinatural (Nochlin, 2016, p.12).

Nochlin (2016), ao questionar as estruturas sociais e institucionais, não buscou apenas evidenciar artistas mulheres negligenciadas pela história da arte, mas também analisou as bases intelectuais e ideológicas de

contribuído para a história da arte feminista e latino-americana. No Brasil, esteve em duas ocasiões: a primeira foi no Museu de Arte de São Paulo (MASP), de agosto a novembro de 2018; a segunda foi no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), de março a junho de 2019.

uma sociedade patriarcal e machista que refletia e ainda reflete na ausência de produções de mulheres em diversos setores, dentre eles as artes. Diante das constatações suscitadas pelos seus estudos, Linda Nochlin, juntamente com Ann Sutherlan, promoveu a exposição *Mulheres artistas de 1550-1950*, evento que juntou no mesmo espaço trabalhos de artistas de nacionalidades e períodos diferentes. A partir de então, mais movimentos e produções artísticas feministas foram surgindo, como é o caso de a exposição *The Dinner Party (O jantar)*, de Judy Chicago, que aconteceu entre 1974 e 1979, recriando um jantar imaginário em homenagem a mulheres famosas. Conforme aponta Barbosa (2019), esse trabalho de Judy Chicago, que hoje está em exposição permanente no Museu do Brooklyn, em Nova York, é um importante ícone do pós-feminismo que recuperou informações de participação de grandes mulheres na História.

Outro exemplo importante é o *Guerrila Girls* (Garotas Guerrilheiras, em tradução livre) grupo que surge em Nova York em 1985, composto por artistas anônimas, com o objetivo de combater o machismo presente nas artes. O grupo trazia e traz a público as questões de gênero e raça na comunidade artística e as desigualdades nela existentes:

> Todas as integrantes do grupo usam, durante suas atividades, pseudônimos em referência a mulheres artistas mortas e máscaras de gorila: um animal de inteligência extraordinária, antagonista aos humanos em uma série de ficções científicas, da série "Planeta dos Macacos" a "2001: Uma Odisseia no Espaço". Em texto de apresentação do coletivo em seu website, elas explicam: o nosso anonimato mantém o foco nos problemas e longe de quem nós talvez sejamos: nós poderíamos ser qualquer um e nós estamos em todos os lugares. (Rodrigues, 2017, p.05)

As mensagens propagadas pelo grupo trazem questionamentos sobre a participação das mulheres na arte, refletindo um trabalho militante e feminista. Dentre as reflexões, as artistas trazem à tona a crítica às poucas referências a mulheres artistas e à exploração de seus corpos como reflexo das estruturas de poder que moldaram a produção artística no decorrer dos tempos. Dar visibilidade às vozes marginalizadas, refletindo sobre a (des)igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade são ações do *Guerrila Girls*. O grupo esteve em 2017 no Brasil, realizando uma retrospectiva de 32 anos de seu trabalho, com exposições e performances no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

No que se refere ao Brasil, Barbosa (2019) destaca que foi a Arte Moderna que trouxe o destaque para o trabalho de duas artistas. A autora salienta ainda que essas artistas seriam invisibilizadas se não fosse o trabalho de outras duas mulheres, Aracy Amaral e Maria Rossetti, que escreveram sobre elas. Desse modo, Barbosa (2019) afirma que:

> A conquista da igualdade começou no Brasil com a modernista Semana de Arte de 1922. Eles comungavam ideias anticolonialistas, embora acomodadoras, mas que permitiram refletir sobre a igualdade de gênero, raça e códigos culturais. A partir de tais ideias, foi possível reconhecer duas mulheres como as artistas mais importantes do modernismo brasileiro: Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. (Barbosa, 2019, p. 74)

Barros (2016) enfatiza que em 1960, quando os/as modernistas emergiram com valor comercial nos leilões de arte implementados no Brasil, Anitta Malfatti e Tarsila do Amaral se destacaram como eco da efervescência do feminismo estadunidense, já que nas décadas de 1960 e 1970, enquanto o cenário internacional vivenciava as lutas sexuais e raciais, aqui no Brasil, o contexto era o de ditadura militar, em que direitos básicos estavam sendo negados a brasileiras e brasileiros e o que se destacava, portanto, era a luta coletiva pelos direitos humanos.

> Apesar de conectadas, de certa forma, ao movimento feminista internacional, as brasileiras, de outra sorte, foram obrigadas a se concentrar em metas coletivas, como a defesa dos direitos humanos, da liberdade política e da melhoria das condições sociais de vida. (Barros, 2016, p.12).

Nas escolas, há uma tendência ao androcentrismo, revelando a pouca visibilidade às produções de mulheres artistas "quando ao privilegiar a produção masculina, os programas para o ensino de arte não admitem – mesmo que sem intencionalidade conspiradora – o discurso das artistas" (Coutinho, 2009, p.05). É necessário haver orientações curriculares que garantam aos/às alunos/as oportunidades de ampliarem seus repertórios e de conhecerem outros pontos de vista, tendo acesso a culturas diversas e participando ativamente da construção e da produção de seu próprio saber em diálogos e leituras plurais. Além disso, enfatizar a produção artística do sexo feminino em propostas levadas aos/às alunos/as "pode ser um modo de resistência dentro de um campo de aplicação e perpetuação do discurso masculino, como tem sido a escola, o ensino de arte, a história da arte e as práticas docentes" (Coutinho, 2009, p. 20).

Como o campo da arte esteve por muito tempo voltado aos ideais de artista homem, gênio, branco e do hemisfério norte, a escolha de artistas para compor o currículo da disciplina Arte ainda é pautado também nesse ideal de androcentrismo, "coadunam-se vários indícios acerca do desconhecimento dos/as docentes sobre as artistas, além da ausência delas nos livros e materiais didáticos, nas publicações acadêmicas da área e no currículo escolar" (Dias e Loponte, 2016, p.09). Conhecer pouco sobre as produções de mulheres associa-se à pouca visibilidade do sexo feminino, sempre em escala menor que os homens, "sucesso não depende só de competências. Essa é provavelmente uma das razões por que obras de artistas homens são maioria em museus, exposições, galerias" (Barbosa, 2019, p.79).

A falta de representatividade das produções artísticas de mulheres, presente também no contexto da sala de aula, demonstra o descompasso da hegemonia masculina. Tendo em vista que "no Brasil, a celebrada igualdade é descartada pela falta de memória da produção de mulheres" (Barbosa, 2019, p.76), conhecer sobre as histórias e poéticas de artistas mulheres permitirá compreender sobre as protagonistas de uma história da arte que não foi construída apenas por homens e configura-se como estratégia de relevância, já que deixa de reproduzir o estereótipo de artista, gênio e masculino do hemisfério norte.

Diante dos dados, durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, além das experiências desenvolvidas em sala de aula acerca da temática, produzimos um "Pequeno Inventário de Artistas Mulheres Brasileiras", disponível nas referências (Lopes, Loyola e Macedo, 2023, p.76-166[6]) com a intenção de contribuir e de incentivar professores/as nas possíveis abordagens relacionadas ao tema, buscando dar visibilidade a artistas mulheres brasileiras, promovendo um entendimento mais completo e diversificado da arte brasileira. Com o Inventário, visamos contribuir com a difusão de nomes de artistas mulheres, fortalecendo o campo de estudos sobre arte e gênero no Brasil. A proposta não apenas tem potencial de enriquecer o conhecimento sobre arte, como também de sensibilizar para o reconhecimento e valorização de mulheres na história da arte nacional.

A ausência das mulheres artistas nos currículos escolares e nas narrativas tradicionais da história da arte perpetua uma visão incompleta e parcial do campo artístico. Ao integrar essas artistas ao currículo escolar, promovemos uma visão mais completa e diversificada da história da arte, reconhecendo a importância das diferentes perspectivas e experiências. Isso não só enriquece o aprendizado artístico, mas também promove uma educação mais plural e inclusiva, que valoriza a diversidade e combate estereótipos de gênero.

Roda de conversa: analisando os estereótipos

Na primeira etapa da pesquisa, houve uma avaliação diagnóstica em forma de roda de conversa com o objetivo de verificar qual o estereótipo de artista permeava o imaginário dos/as alunos/as. No primeiro momento foram apresentados, via projetor de imagens, alguns trabalhos de bordados produzidos por artistas homens e, para motivar as falas, foram levantadas questões como: "você acha que o/a artista desta obra é homem ou mulher? É brasileira/o, europeu/eia ou de outra nacionalidade?" "O trabalho com

[6] Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/56833

tecidos, linhas e agulhas faz parte do universo masculino ou feminino?" Ao observar os bordados, os/as estudantes disseram imaginar serem produzidos por mulheres, pois, conforme suas falas, mulheres são quem mais trabalham com bordados. Uma aluna comentou que "mulher costuma mais fazer coisas de casa", referindo-se ao bordado como um trabalho doméstico. Porém, quando perguntei se apenas mulheres fazem bordados, responderam que homens também podem bordar, inclusive um aluno citou que, às vezes, bordava e costurava com sua mãe.

Buscando verificar se a concepção androcêntrica e ou eurocêntrica de artista permeava o universo das crianças, foi solicitado a todos/as que citassem nomes de artistas dos/das quais já conheceram suas obras ou dos/das quais já ouviram falar. Como a intenção era apenas trazer à lembrança nomes que já conheciam sem nenhuma pesquisa prévia, houve estudantes que não se lembraram de nomes de artistas. No entanto, entre aqueles/as que lembraram, naquele momento, os nomes citados nas quatro turmas foram os mesmos: Van Gogh, Leonardo Da Vinci e Picasso. Em uma das turmas, além dos três artistas, uma aluna citou Romero Brito.

Com base nas falas é possível inferir que, mesmo inconsciente, a reprodução androcêntrica e eurocêntrica reflete no imaginário dos/das estudantes. Como a história da arte ainda reflete um ideal de artista homem e gênio, consequentemente foram esses artistas os mais conhecidos e mencionados. "Em decorrência desse habitus, a estrutura androcêntrica se reproduz porque não é questionada e desnaturalizada por meio da percepção da sua constituição histórica." (Batista e Rauen, 2017, p.04).

Dando sequência à roda de conversa, houve provocações como: "é feio ver meninas brincando com meninos? Existe cor de menino e cor de menina? Há brincadeiras de menino e brincadeiras de meninas?" Só meninas choram quando estão tristes? "Há profissões femininas e profissões masculinas?" Revelaram não haver, ao menos em seus discursos, discriminação acerca das relações de gênero, já que responderam de forma a ir sempre contra os preconceitos de gênero. Isso nos traz a reflexão de que o preconceito pode não estar explícito nos discursos pessoais, já que há uma tendência social em não admiti-lo abertamente. Sendo assim, é fundamental prestar mais atenção e questionar as práticas cotidianas do que simplesmente seguir os discursos proferidos, é importante focar nas ações e comportamentos diários. Ainda sobre suas percepções acerca das relações entre gêneros, suas respostas evidenciaram uma categorização entre gostos, preferências e ideais voltados ao universo feminino e masculino. Essas percepções demonstram a reprodução de padrões, hábitos e comportamentos construídos no decorrer dos tempos e que se tornaram comuns nas relações sociais.

> São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural" (Louro, 2003, p. 63).

As aulas subsequentes foram dedicadas à apresentação de artistas mulheres e suas diversas poéticas. Com base na análise inicial, as proposições buscaram promover uma compreensão mais diversa de vozes e pontos de vistas na arte. As obras escolhidas deveriam estabelecer um diálogo apropriado a estudantes do 4º ano, levando em consideração níveis cognitivos, faixa-etária e sensibilidade às poéticas. Foram apresentadas, a partir de então as artistas brasileiras, mineiras e de Montes Claros, cidade onde ocorreu a pesquisa.

Experiências artísticas no contato com poéticas de mulheres artistas brasileiras

Embora muitas artistas brasileiras abordem temas relacionados a gênero, identidade e diversidade, buscamos selecionar obras que dialogassem especificamente com a faixa-etária do 4º ano do ensino fundamental. Sendo a arte "uma área de conhecimento, a elaboração e a fruição de produções artísticas dependem da articulação entre a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão" (Pimentel, 2013, p.97), desse modo, a Proposta Pedagógica foi pautada em experimentações artísticas capazes de estimular a imaginação e fruição dos estudantes. Com base nessas experiências, buscamos uma conexão mais profunda e reflexiva sobre arte e gênero na sociedade. A Proposta Pedagógica, cujo planejamento e execução estão detalhadamente descritos em Lopes, Loyola e Macedo (2023), será resumida a seguir, destacando as artistas e obras mencionadas.

Tuca Conceição Melo e Adriana Varejão

A primeira artista apresentada foi Tuca Conceição Melo. Por meio de observação da pintura "Elas", realizada pela artista, foi possível suscitar discussões sobre a desmitificação do imaginário de artista homem, branco, europeu e que já faleceu, já que se tratava de obra artística de uma mulher, artista contemporânea do Norte de Minas Gerais, nascida em São Francisco e que morava em Montes Claros, nossa cidade. Ainda foi possível destacar a obra como homenagem às mulheres, produzida pela artista para uma exposição chamada "Mulheres, Santas Mulheres". Conversamos também sobre as conquistas das mulheres no decorrer dos tempos, como o direito ao voto e também o direito de ir à escola.



Figura Elas. Fonte: Elas. Acrílica sobre tela. Artista: Conceição Melo. Dimensões: 120x90cm. 2013. Acervo da artista. Disponível em: https://www.facebook.com/conceicao.melo.58/photos

A série "Polvo Portraits" da artista Adriana Varejão também foi apresentada aos estudantes. As imagens da obra suscitaram diversas reflexões sobre a nossa diversidade, dialogando com a proposição de Varejão, que se inspirou nas diversas tonalidades de pele a partir de uma pesquisa do IBGE, trazendo uma representação artística da identidade étnico-racial do Brasil: "trata-se assim de uma reflexão sobre cor, pele, pintura e paródia" (Schwarcz; Varejão, 2014, p.339).

Foi possível criar uma paleta de cores de pele da turma. E, depois das tintas de cada cor de pele produzidas por alunos/as com ajuda da professora, cada um/a foi convidado/a a experimentar a sua cor nos corpos dos/das colegas. No dia dessa aula, muitos/as estudantes continuavam usando a máscara, mesmo não sendo mais obrigatório. Como estávamos ainda na pandemia e, respeitando aqueles/as que permaneciam de máscaras, a instrução foi que as pinturas fossem realizadas apenas nas mãos e braços dos/as colegas.

Durante as experiências, buscou-se relacionar conceitos, percepção corporal e experiências artísticas, tentando criar metáforas nas conexões com o conhecimento. Buscou-se diálogo entre projeção metafórica e o pensamento abstrato, "isso é importante porque explica como o pensamento abstrato, na cognição humana, pode emergir de experiências corpóreas e sensoriais" (Efland, 2005, p.336).

Sonia Gomes e Rosana Paulino

Em outro momento, os estudantes conheceram a imagem da obra "Bastidores", de Rosana Paulino. Foi proposta uma dinâmica para que tapassem o rosto conforme o que estavam enxergando, encobrindo com as mãos a mesma parte do rosto que fora tapada com linhas por Rosana Paulino, descrevendo as sensações ao tapar cada parte do rosto, houve uma sensação generalizada de estranhamento diante da proposta. Visto a necessidade de reconhecer as opressões de forma interseccional, além de discutir sobre

as dificuldades abordadas em “Bastidores”, busquei também explorar a representatividade da mulher, principalmente da mulher negra, na arte.

As discussões sobre memórias afetivas e de como estas se apresentam nas obras das artistas Rosana Paulino e Sonia Gomes também foram suscitadas a partir de vídeos de ambas as artistas. Nos vídeos, as duas artistas se referem à memória afetiva, familiar e à relação com tecidos e costuras no processo de criação artística. Em sala de aula, a experiência artística da costura e do bordado fez-se presente. De acordo com Lucia Pimentel (2013), como a arte é “uma área de conhecimento, a elaboração e a fruição de produções artísticas dependem da articulação entre a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão” (Pimentel, 2013, p.97). A partir dessas acepções, com agulhas grandes e de pontas grossas foram realizados bordados e costuras em um tecido de algodão cru como suporte, além de linhas e tecidos coloridos.

Anna Maria Maiolino

A obra “Por um Fio” e a obra “Minha Família”, ambas da artista Anna Maria Maiolino, foram associadas às gerações distintas e à configuração familiar. Exemplos distintos de arranjos familiares foram citados com a intenção de que, caso alguém se inserisse em outros conceitos familiares, se sentisse à vontade para compartilhar com a turma.

> Processa-se uma naturalização — tanto da família como da heterossexualidade — que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade. Esse padrão está presente explícita ou implicitamente nos manuais, nos discursos, nas políticas curriculares e nas práticas, por vezes até naquelas e naqueles que se pretendem progressistas (Louro, 2003, p.134).

Compreendendo haver uma naturalização de padrões heteronormativos sobre os arranjos familiares e a sexualidade, caminhamos, dialogando com as diversas experiências pessoais, no sentindo de legitimar que cada família poderia se configurar de uma forma diferente.

Roda de conversa: reavaliando estereótipos

Visando compreender as contribuições que as intervenções trouxeram, houve novo levantamento dos dados em uma roda de conversa. Como no início do projeto uma estudante fez a associação de que mulheres normalmente realizam tarefas consideradas mais delicadas e que “mulheres fazem mais coisas de casa”, ao discutirmos novamente sobre bordado, busquei trazer algumas reflexões, perguntando se

apenas mulheres realizam trabalhos considerados mais delicados. Em meio às respostas, com alguns/as concordando com a afirmação e outros não, uma estudante disse: “não, professora, os bordados tapando a boca não são delicados e foram feitos por uma mulher”, respondeu referindo-se aos “Bastidores”, de Rosana Paulino. A discussão foi iniciada com intuito de questionar os estereótipos, já que

> afirmar que toda mulher possui um talento natural para cuidar do lar e para a criação das crianças, por exemplo, é um discurso que uma grande parcela da população acataria sem qualquer objeção. É, contudo, uma asserção de teor fortemente essencialista, uma vez que estabelece uma essência unívoca e imutável. Advoga, ainda, em favor de uma “natureza feminina/masculina”, pois prevê a universalização da experiência de mulheres e homens dentro de limites identificáveis e pré-determinados, apagando as múltiplas formas que podem vir a assumir. (Dias e Loponte, 2019, p.5)

Entendendo que "o processo de fabricação dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível" (Louro, 2003, p. 63) como professoras e professores, a tarefa mais urgente talvez seja exatamente questionar o que é tomado como "natural":

> Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem" para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero? (Louro, 2003, p. 64)

Seguindo com a discussão, foi levantado o seguinte questionamento: “quando acontece de haver uma associação de que as mulheres fazem mais as tarefas domésticas, isso ocorre por que é da natureza feminina ou por que esses padrões foram reproduzidos no decorrer dos tempos?” Houve consenso nas respostas sobre os costumes sociais, ficando claro que, embora observassem determinados padrões serem reproduzidos, reconheciam que não eram específicos da natureza masculina ou feminina.

Nesta última etapa, voltei também a pedir que pensassem nomes de artistas dos quais se lembrassem naquele momento. Enfatizei que poderia ser qualquer artista visual. Alguns/as lembraram dos nomes das artistas estudadas desde o início e, embora nem todos/as lembrassem os nomes completos, em todas as quatro turmas as artistas foram citadas. Algumas respostas: “tem a Ana, não lembro o outro nome”, “tem a artista de Montes Claros...”, “a Conceição...”, “a Adriana”. Todas as turmas citaram também Leonardo da Vinci. Além de Da Vinci, uma turma citou Van Gogh e Romero Brito e, em outra turma uma estudante disse: “aquela artista que tem sobrancelhas juntas”, referindo-se à Frida Kahlo. Com base nas respostas é possível perceber que a concepção de androcentrismo e eurocentrismo permaneceu nas memórias das turmas, já que artistas como Da Vinci e Van Gogh foram novamente citados. No entanto, o

desenvolvimento de uma proposta sobre artistas brasileiras e regionais foi importante na ampliação dos repertórios pessoais, sendo as mulheres artistas também citadas.

Infere-se que o ensino/aprendizagem em Arte sobre artistas mulheres do nosso país, estados e cidades possibilitam conhecer sobre a arte de forma diferente do paradigma masculino eurocentrado como representação coletiva. Na discussão, busquei chamar a atenção para os nomes de artistas que citaram ainda na primeira etapa, questionando-os/as se perceberam que eram artistas homens, europeus e que já haviam morrido. Na tentativa de "romper com as verdades cristalizadas como 'verdade única', questionar a 'naturalidade' dos discursos, inaugurar a pluralidade de pensamento ao denunciar as formas de poder exercidas sobre e pelos sujeitos" (Loponte, 2002, p.292), busquei chamar a atenção dos/as alunos/as sobre um novo modo de perceber a arte, possibilitando a pluralidade de pensamentos.

Considerações finais

Baseando-se na inquietação provocada pela predominância de artistas do sexo masculino em várias referências ao longo da história da arte, nossa intenção neste estudo foi investigar as percepções dos estudantes sobre as relações de gênero na arte e na sociedade, propiciando o conhecimento em Arte através de vivências e discussões sobre gênero e diversidade, desafiando e reavaliando os preconceitos observados.

Verificou-se haver, durante as rodas de conversa, uma reprodução de visão androcêntrica e eurocêntrica de arte. Observou-se também a percepção dos/as alunos/as com a existência de separação entre gostos, preferências e ideais próprios de cada universo - feminino e masculino. Os dados demonstraram a importância de questionar as práticas cotidianas sobre as relações de gênero e de pensar sobre o ensino/aprendizagem em Arte na contemporaneidade, refletindo sobre questões acerca do androcentrismo e do eurocentrismo e da importância em buscar estratégias que visem incluir produções e proposições estéticas de artistas mulheres brasileiras no currículo de Arte.

Com as propostas que se desenvolveram buscou-se ampliar o repertório dos/as estudantes, proporcionando dinâmicas e discussões em torno de visões mais inclusivas e diversas sobre arte e sociedade. Ao conhecerem as obras das artistas, tiveram a oportunidade de explorar e conhecer sobre estilos, técnicas artísticas e temáticas, bem como de compreender sobre os desafios enfrentados pelas mulheres no campo artístico e na sociedade como um todo, contribuindo com discussões que refletissem

sobre uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todas as vozes e expressões artísticas pudessem ser valorizadas e reconhecidas. Durante o processo, foi possível chamar a atenção à pluralidade de pensamentos, já que houve um novo modo de perceber a arte, que é produzida também por mulheres brasileiras.

Na última etapa, buscando ainda trazer algumas reflexões sobre discursos que são comumente aceitos sobre o universo feminino e masculino, havendo consenso de que, embora observassem que determinados padrões sejam reproduzidos na sociedade, reconheciam que não eram específicos da natureza masculina ou feminina, mas de costumes culturalmente construídos. Por fim, voltando-se para o universo da arte, ao perguntar sobre nomes de artistas de quem se lembrassem, embora continuassem mencionando nomes de artistas homens, europeus e que já faleceram, as artistas brasileiras também foram lembradas.

Esta pesquisa corrobora a necessidade de mais referenciais sobre mulheres artistas, principalmente artistas brasileiras. Do mesmo modo, professores/as devem abordar intervenções sobre o tema junto aos/as estudantes. Com o "Pequeno Inventário de Artistas Mulheres Brasileiras" (Lopes, Loyola e Macedo, 2023, p.76-166) intencionamos contribuir com professores/as nas abordagens relacionadas ao tema. O Inventário e Proposta Pedagógica são anexos do Trabalho de Conclusão do Mestrado, publicado no Repositório de Dissertações e Teses da UFMG[7].

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. Acesso em: 30 mar. 2024

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL,Vitória. (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio:**Arte, Design, Educação. São Paulo: Cortez, 2019. Acesso em: 25 mar. 2024.

BARROS, Roberta. **Elogio ao toque:** ou como falar de arte feminista à brasileira. Relacionarte Marketing e Produções Culturais Ltda., Rio de Janeiro, 2016.

BATISTA, V. R.; RAUEN, M. G. A Desarticulação do Androcentrismo E da Discriminação Interseccional Por Meio do Ensino da Arte Contemporânea. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 72–95, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15498. Acesso em: 30 mar. 2024.

CARVALHO, Ananda; MORESCHI, Bruno; PEREIRA, Bruno. A HISTÓRIA DA _RTE: Desconstruções da Narrativa

[7] Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/56833 Acesso em: 29 mar. 2024.

Oficial da Arte. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**/ nº 8, julho 2019. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/0038f9f7/3e81/4dd2/8d83/d73d820abe5f.pdf Acesso em: 12 dez.2022

COUTINHO, Andréa Senra. **Poéticas do Feminino/Feminismo na Arte Contemporânea**:Transgressões para o Ensino de Artes Visuais em Escolas, 2009. Tese de doutoramento em Estudos da Criança Área de Comunicação Visual e Expressão Plástica. Universidade do Minho, Portugal. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10858/1/tese_andrea2010julho.pdf Acesso em:14 ago. 2021

DIAS, Taís Ritter Dias; LOPONTE, Luciana Grupelli.Gênero e ensino de Artes Visuais: desafios, armadilhas e resistências.2019.**Revista Estudos Feministas, Florianópolis.** Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/FWvP4Bc7FHBQ7nsb7v6gbpg/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 18 jul. 2021

DIAS, TaísRitter; LOPONTE, Luciana Grupelli. Intervenções feministasno ensino de artes: desafios e potencialidades.**25°Encontro da ANPAP.** Arte: seus espaços e/em nosso tempo, Porto Alegre, RS. 2016. Disponível em http://anpap.org.br/anais/2016/comites/ceav/tais-dias_luciana-loponte.pdf Acesso em: 20 jul. 2021

EFLAND, Arthur. Imaginação na Cognição: o propósito da educação, IN: . Ana Mae Barbosa (Org.). **Arte Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais,** São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, Andry; LOYOLA, Geraldo Freire; MACEDO, Juliana Gouthier. **MULHERES ARTISTAS BRASILEIRAS: Poéticas artísticas e Ensino/Aprendizagem em Arte**, 2023. Dissertação de Mestrado - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/56833 Acesso em: 24 jul. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva Pós-estruturalista. Petrópolis, Vozes, 6ª edição, 1997. Disponível em https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf Acesso em: 03 jul. 2022

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: tes visuais e poder: Pedagogias Visuais do Feminino. **Revista Estudos Feministas,** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em https://www.scielo.br/j/ref/a/ZDsRh9p5xg7bZbCTGC6fS6c/?lang=pt&format=pdf Acesso em: 03 jan. 2023.

NOCHLIN, Linda. "**Por que não existem grandes artistas mulheres?**." Aesthetics. Routledge, 2016. 46-51.

PIMENTEL, L. G. Cognição Imaginativa. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 96–104, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15640. Acesso em: 10 set. 2022.

RODRIGUES JR, Jacques. **Joia de artista:** Sonia Gomes. Disponível em https://ethinkers-talentojoias.s3.amazonaws.com/wysiwyg/2019/dezembro/2019-12-03/landing-page/Talento_JDA_SG_Livro_FIN_AW_LR.pdf Acesso: 22 ago. 2023.

SILVA, Caroline Machado. **Mulher artista presente,** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense,UNESC. Disponível em http://repositorio.unesc.net/handle/1/7596 Acesso: 8 jan. de 2024

SCHWARCZ, Lília Moritz; VAREJÃO, Adriana. **Pérola Imperfeita: A história e as histórias na obra de Adriana Varejão**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.